



Eduardo Bettencourt Pinto

Entrevista à nostalgia

«Tinha onze anos quando vim aqui pela primeira vez com amigas da escola» disse E. «Viviam nesta ilha. Falavam-me muito de Taco, um cavalo branco, velho e dócil.»

Saíram a correr do ferry. Os cavalos estavam mesmo ali, do lado esquerdo quem sai, num descampado verde. Pastavam com o mar pela frente, descontraídos e livres. Hoje há ali uma marina, barreira alta de mastros quebrando a paisagem, outrora aberta.

«Impressionou-me muito a beleza de Taco, o porte altivo e sereno. Intimidou-me, claro. Toquei nele um pouco assustada mas ele não reagiu. Sacudiu a cabeça. Não foi pelo meu contacto mas para afastar uma mosca na orelha. Gostei logo dele. Apesar de Taco ser manso, receei montá-lo. Mas um coro de vozes incentivou-me e acabei por fechar os olhos ao medo. As minhas amigas ajudaram-me – fizeram um degrau com a palma das mãos e os dedos entrelaçados. Apoiei o pé direito e, num impulso, achei-me no topo do mundo. Ele não se mexeu, como se compreendesse o que se estava a passar. As minhas mãos tremiam muito quando segurei as rédeas. Depois fui ganhando confiança. Para Taco, um possante cavalo, eu não seria mais pesada do que um beija-flor.»

Cinco ou seis cavalos andavam soltos pela ilha. O dono, um fazendeiro do interior da província de British Columbia não podia mantê-los. Então trouxe-os para cá. Poderiam sobreviver à solta. O clima, ameno no longo e frio inverno canadiano, era mais tolerável e a erva abundante. O fazendeiro soltou-os seguro de que não enfrentariam dificuldades em sobreviver.

«Quarenta e quatro anos depois, falar neste episódio parece-me uma fábula. A ilha não é a mesma. Não cresceu para o mar nem a erosão a diminuiu. Ocupou-se. Naquele tempo, uma família da classe média podia comprar casa nesta ilha. Hoje não. Como em todos os lugares aprazíveis ao espírito e à vista, habitação aqui só está ao alcance da classe endinheirada.»

Há um mapa muito definido nas suas palavras e nele avoluma-se

o espaço da nostalgia. O mundo é uma casa que habitamos dentro de nós.

Acrescenta E:

«Gostava daquele tempo. Era mais são. A liberdade que tínhamos nessa altura seria impensável hoje. A inocência dura muito pouco na vida das pessoas na era da internet. O conhecimento do mal propaga-se vertiginosamente. A suspeita e o protagonismo. A desertificação social começa no ecrã de um telemóvel. Quando se constroem casas onde havia árvores derruba-se o passado para redesenharmos a vida com cimento. Neste local onde andámos, eu e Taco, a vista está agora ocupada com barcos ancorados. Só reconheço aquele tempo nos pedaços de memória que vou reconstruindo como a uma casa em ruínas.»

A neblina cobre os montes. Há uma beleza surda e triste na cor das árvores. Não tarda o inverno. O ar húmido da tarde avança, lânguido, até nós. Chove intermitentemente. Os meteorologistas anunciam temporal – ventos fortes e precipitação forte.

A galeria de arte e a biblioteca estão abertas. Abre-se a porta e recebe-nos uma agradável sensação de calor. Cresce dos livros um silêncio intemporal. Reparo, através das janelas amplas e húmidas, a longa fila de automóveis para o ferry.

A luz fluorescente do teto incendia de branco os cabelos de E. Saímos meia hora depois.

Um carro passa e ainda oiço estas palavras de E antes de atravessarmos a rua:

«Volto sempre a esta ilha para compreender a história de outros dias. O mundo era outro e as meninas andavam de cavalo mesmo sob a fosforescente mornidão das chuvas. Hoje a liberdade é um slogan. Podemos barafustar mas a verdade é que ninguém nos ouve. Vamos empobrecendo literalmente. Há um riso cínico no reflexo ambíguo destes tempos. E esse não se esconde por detrás das máscaras da COVID. É mais sinistro e subtil – está ao nosso lado e não o vemos.»

“Governo falha compromissos assumidos para a Saúde”, avisa PS/Açores

A audição do Secretário Regional da Saúde e do Desporto confirma não só “o corte de 75 milhões de euros previsto para o sector da Saúde no próximo ano”, como também revela que “este Governo pode deixar cerca de 50 milhões de euros por concretizar”, no que diz respeito ao Orçamento do corrente ano, apresentado como “o maior de sempre no sector da Saúde”, destacou Tiago Lopes.

“A persistente incapacidade deste Governo para concretizar o que assumiu e para apresentar um Plano e Orçamento credível e executável é preocupante”, acrescenta o parlamentar, lamentando que o Secretário Regional “se venha desculpar e tentar justificar as reduções com a não aprovação do Orçamento de Estado, o que não é verdade porque se mantém em vigor a norma do Orçamento de Estado invocada pelo Secretário da Saúde”.

O deputado do Grupo Parlamentar do PS/Açores realça, ainda, que “vão ficar por pagar as dívidas a fornecedores, que o Governo tinha prometido pagar em dois anos”.

E, acrescenta o parlamentar, “se passado um ano este Governo não executa o que estava orçamentado para o ano em curso, fará pior em 2022, reduzindo em 55 milhões o valor estipulado”.

Com “a agravante de”, acrescenta, “reduzir em 75 Milhões de Euros face à anteproposta de Orçamento apresentada aos parceiros sociais”.

Tiago Lopes recorda que, “tal como o GPPS/ Açores chamou a atenção, em Abril deste ano, o Governo Regional não está a reforçar o Serviço Regional de Saúde (SRS) como anunciou, e não irá pagar as dívidas, criando falsas expectativas e condicionando, inevitavelmente, o funcionamento do SRS”.

